

## **Ciência no telejornalismo: abordagens da TV comercial e da TV pública sobre cientistas e universidades<sup>1</sup>**

Ana Paula Vieira de Souza<sup>2</sup>

Magno Medeiros<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás - UFG

### **RESUMO**

Esta proposta visa investigar as concepções de ciência e como as universidades são retratadas no telejornalismo a partir das abordagens de TVs comerciais e públicas utilizando como método a análise de conteúdo baseada em Laurence Bardin. A reflexão mostra-se fundamental diante das visões estereotipadas que predominam sobre o tema e não contribuem para a aproximação do público com a ciência e nem com a valorização da universidade enquanto esfera de produção de conhecimento. O referencial teórico aborda a ideia de ciência a partir de Kuhn (2017); a discussão sobre jornalismo científico a partir de Bueno (1987); a compreensão sobre telejornalismo nos estudos de Temer e Coutinho in Vizeu et. al. (2010) e Vizeu (2008, 2005) e o conceito de TV pública discutido por Leal Filho (2007). A contribuição esperada é propiciar um entendimento mais amplo sobre a abordagem da ciência no telejornalismo, de forma a propor novas bases para que ela seja divulgada numa perspectiva crítica de comunicação e traga novos apontamentos, além de colaborar na compreensão do telejornalismo e no reconhecimento da ciência e da universidade enquanto instituições fundamentais para a garantia de direitos e o pleno exercício da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; jornalismo científico; comunicação pública.

### **INTRODUÇÃO**

É recorrente o discurso de que a “ciência está em tudo” e de que o país desenvolvido investe em ciência e tecnologia. Porém, as concepções de ciência na televisão tratam das grandes descobertas científicas, que podem parecer muito distantes e que não constituem o cerne da ciência normal, “que não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômeno” (Kuhn, 2017, p. 89). Segundo Kuhn (2017, p. 89), os cientistas “não estão constantemente procurando inventar novas teorias” e a pesquisa científica normal “está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Pública e Educação: Desafios na Valorização e Divulgação do Ensino Superior, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: ana.vieira@ufg.br.

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal de Goiás, orientador do trabalho, e-mail: magno@ufg.br.

Portanto, devido à importância da função social da ciência (com vistas à promoção do bem-estar da humanidade) e da comunicação (como intermediadora dessa relação entre os benefícios da ciência e a sociedade), acredita-se que o presente trabalho pode propor ideias para aproximar as universidades e a ciência da população, em uma perspectiva cidadã que envolve transparência (pois a maior parte da ciência no Brasil é financiada com recursos públicos) e garantia de direitos.

Sendo assim, o objetivo geral desta proposta é compreender: “Quais as concepções de ciência abordadas no telejornalismo e como as universidades são retratadas nesse contexto?”. O questionamento parte de um incômodo pessoal sobre o modo como a ciência é retratada na televisão, seja no jornalismo ou no entretenimento. As imagens e discursos comumente difundidos sobre o tema mostram visões estereotipadas do “cientista maluco”, dos “nerds”, da “ciência do microscópio” e das grandes descobertas. Sobre as universidades, recentemente difundiram-se as ideias de balbúrdia, de improdutividade e até elucubrações sobre elas serem desnecessárias.

Pesquisadores, professores e estudantes dedicados à ciência e à pesquisa não necessariamente se encaixam no “perfil” propagado pelos veículos de comunicação tão presentes e influentes na sociedade mediatizada. Além disso, na esteira de ataques recentes à instituição universitária, também se considera importante investigar como ela é retratada no telejornalismo de forma a colaborar para que a sociedade conheça a real importância da sua produção científica e do seu papel na formação das pessoas.

Nesse contexto, entre os objetivos específicos estão: verificar se os telejornais reforçam ou subvertem os estereótipos da ciência, dos cientistas e das universidades; comparar as produções dos telejornais de emissoras públicas e comerciais com vistas a estabelecer semelhanças e diferenças nas abordagens sobre ciência e universidades; apresentar novas ideias para o jornalismo científico por meio do telejornalismo e identificar como a produção científica das universidades é retratada e quais outros papéis geralmente são atribuídos a essa instituição.

## **ESTADO DA ARTE**

Pesquisas iniciais sobre o estado da arte acerca do tema foram realizadas nos anais dos congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação (Intercom) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

No momento da busca na Intercom, em julho de 2024, o site disponibilizava os artigos de 2001 a 2023. O critério de pesquisa foi a identificação, no título dos trabalhos do GT Comunicação Científica e Ambiental, das palavras: “TV ou televisão ou telejornalismo” e “ciência”. Foi possível ver os títulos dos 738 artigos apresentados durante os 23 anos pesquisados e, desse total, 11 obedeceram ao critério estabelecido.

No Portal da Capes, a pesquisa foi diferente porque usou palavras-chave no campo de busca. “Ciência e TV” ou “ciência TV” retornaram dois títulos. Usando “ciência e televisão” e “ciência televisão”, foi encontrado um artigo. Com as palavras-chave “ciência e telejornalismo” e “ciência telejornalismo”, nenhum resultado.

É importante ressaltar que a leitura flutuante do título dos trabalhos do GT da Intercom já demonstrou uma lacuna nas pesquisas sobre a abordagem da ciência na mídia: o fato de a maioria delas analisarem jornais impressos. Além disso, nas poucas vezes em que o recorte está na televisão, as pesquisas versam sobre programas específicos como Fantástico e Jornal Nacional e não dão um panorama geral da questão.

A abordagem sobre a TV pública apareceu em dois artigos do total encontrado. Os resultados comprovam que há espaço para o desenvolvimento desta proposta e para o aprofundamento e consolidação dos estudos sobre a abordagem da ciência e da produção científica das universidades na televisão, por meio do telejornalismo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da presente pesquisa inclui três grandes unidades de análise: 1) jornalismo científico; 2) telejornalismo; 3) TV comercial e TV pública.

Os estudos sobre jornalismo científico tem como pioneiro no Brasil Wilson da Costa Bueno, autor da primeira tese sobre o assunto no país. Ele usa o conceito de jornalismo científico de José Marques de Melo:

(...) processo social que se articula a partir da relação periódica/oportuna entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (Melo, 1983 *apud* Bueno, 1985, p. 22).

Bueno (1985) utiliza outro referencial teórico importante da área, que também pode ser usado na presente pesquisa: Calvo Hernando, para quem o jornalismo científico exerce funções como a criação de uma consciência de apoio à investigação científica, a divulgação de novos conhecimentos e técnicas e a democratização do acesso à ciência e tecnologia (Hernando, 1977 *apud* Bueno, 1985).

Outro referencial teórico é Fabíola de Oliveira, autora de “Jornalismo Científico” (2002). Ela pontua a diferença no “modus operandi” do jornalismo e da ciência, na medida em que o primeiro tem duração efêmera, curtíssimo prazo para produção e linguagem acessível e coloquial, enquanto a segunda pode requerer anos de investigação, trazer uma linguagem técnica e seguir normas rígidas de padronização.

O referencial teórico sobre o telejornalismo utiliza Vizeu, Porcello e Coutinho (2010), que assumem os impactos sofridos pelo aumento das possibilidades de acesso à internet e o fato de não ser mais necessário ter uma TV para ver TV. No entanto, defendem que o telejornalismo é um “gênero consolidado”, que:

(...) diz respeito à informação verdadeira, de interesse público e do interesse do público, podendo ser definido como um processo social que se articula na relação periódica e oportuna de divulgação de informações (fatos e opiniões) como uma prática social mediadora entre os fatos e o público, com o objetivo de facilitar o conhecimento e o entendimento desses fatos (Temer in Vizeu, Porcello e Coutinho, 2010, p. 105).

Temer (in Vizeu, Porcello e Coutinho, 2010, p. 109) continua a discussão afirmando que no Brasil o telejornalismo assume uma “responsabilidade social e política imensa”, devido ao baixo acesso à educação formal e à tradição da cultura oral. Segundo ela, em alguns casos, ele é a única forma de acesso às notícias. Iluska Coutinho in Vizeu, Porcello e Coutinho (2010) compartilha desse ponto de vista e acrescenta que o Brasil também se constitui como nação a partir do telejornalismo.

Os estudos sobre televisão são abordados pelo viés das Indústrias Culturais e Midiáticas. A partir desse modo de compreender a televisão, vários outros autores filiados à Economia Política compõem o referencial teórico desta pesquisa: Mattos (2010) faz uma classificação da história da televisão brasileira a partir de uma visão econômica, social e política. Bolaño e Brittos (2007) ressaltam que a televisão passou por mudanças técnicas nas etapas de produção, distribuição e comercialização nas Indústrias Culturais e Midiáticas em todo o mundo, com a digitalização e o desenvolvimento da internet. Importante pontuar que o referencial teórico adotado traz uma abordagem holística característica da Economia Política da Comunicação, que se

refere a um olhar para o objeto a partir de uma visão das relações sociais e de poder engendradas por ele, incluindo as formas como a comunicação é produzida, distribuída e consumida. Nesse sentido, a televisão comercial busca o lucro e na TV pública isso não ocorre, devido à proibição de anúncios publicitários.

Leal Filho (2007) demonstra o vazio histórico da televisão pública no Brasil. Ele explicita o desequilíbrio brasileiro entre a TV comercial, hegemônica, e a TV pública, que assume um papel apenas complementar no sistema televisivo do País. Para o autor, a televisão não-comercial deve não somente oferecer programação de qualidade como induzir a melhoria dos canais comerciais, a partir da formação de uma audiência mais crítica, que exija programas de maior qualidade.

O conceito aqui proposto de “TV pública” é considerado abrangente no sentido de abarcar as iniciativas não comerciais de televisão - que podem se desdobrar em diferentes vertentes: canais educativos, universitários, legislativos e comunitários. A discussão teórica sobre a televisão pública ainda inclui a perspectiva legal e a discussão mais ampla sobre comunicação pública.

## **PERSPECTIVA METODOLÓGICA**

O presente projeto prevê a realização de uma pesquisa exploratória e descritiva, utilizando como método a análise de conteúdo. Bardin (2010, p.44) define a análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A “a análise de conteúdo tem que ser reinventada a cada momento” (Bardin, 2010, p.32) e, nesse sentido, propõe-se o uso do protocolo de análise de conteúdo para notícias de ciência e tecnologia da Rede IberoAmericana de Capacitação e Monitoramento em Jornalismo Científico. Primeiramente, o grupo elaborou critérios para definir uma notícia de ciência. É preciso: mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas (vinculados a uma instituição científica, comentando temas relacionados à ciência) ou mencionar instituições de pesquisa e universidades ou mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica ou tratar de divulgação científica (Massarani e Ramalho, 2012).

Segundo o protocolo, cada unidade de análise é avaliada em sete dimensões: “características gerais”, “relevância”, “tema”, “narrativa”, “tratamento”, “atores” e “localização”. Cada uma delas traz diferentes categorias, como duração da matéria, principal área do conhecimento abordada, enquadramento, uso de animações e infográficos, vozes e fontes etc. Entre essas categorias, também foi explicitada uma lista de possíveis enquadramentos, como “controvérsia científica”, “promessa econômica”, “nova pesquisa”, por exemplo. A presente proposta pretende partir desse protocolo e, se necessário, realizar adaptações, além de agregar outras técnicas que contribuam para o aprofundamento da abordagem qualitativa.

A amostra a ser analisada incluirá os principais telejornais das redes comerciais e públicas: Jornal Nacional (TV Globo); Jornal da Band (TV Bandeirantes); Jornal da Record (Rede Record), SBT Brasil (SBT), Jornal da Cultura (TV Cultura) e Repórter Brasil (TV Brasil).

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*. 1985. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 13 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. *A televisão pública brasileira, um vazio histórico*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Economia Política e Políticas de Comunicação”, do XVI Encontro da Compós, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- MASSARANI, Luisa (org.). *Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz/Ciespal, 2012.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Editora Vozes, 5 ed. rev. e ampl. 2010
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo científico*. São Paulo: Contexto, 2002.
- VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.) *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.